



AS INQUIETAÇÕES HUMANAS TRANSFORMADAS EM ARTE

Por meio da pintura, o artista visual **Susano Correia** consegue retratar a profundidade dos sentimentos humanos, levando-nos a uma verdadeira viagem pelo nosso “eu” interior.

Todos os dias somos bombardeados, incessantemente, por uma infinidade de imagens que nos cercam por todos os lados. Com a popularização das mídias sociais, esse bombardeamento se elevou, exponencialmente, a ponto de nos deixar inertes, diante desse excesso imagético. Redes como o Facebook e o Instagram, por exemplo, exibem, a todo o momento, fotografias de pessoas, aparentemente felizes, ao lado de seus amigos, parentes, namorados e afins. Tais redes parecem propagar uma felicidade infinita, oriunda de um mundo desprovido de problemas.

Mas, será que essas imagens podem ser consideradas um retrato fiel da realidade? Certamente que não. Trata-se de construções imagéticas destinadas a exibir uma felicidade virtual que, sequer existe na vida real. Que aconteceria se, diante de tantos sorrisos publicados na rede, alguém ousasse a postar algo de suas inquietações e dos problemas que afetam muitos? Pois foram estes temas os responsáveis pela popularização do artista visual Susano Correia, especialmente nas redes.

Correia começou a utilizar o Facebook e seu blog para postar seus trabalhos artísticos. Neles, ele utiliza a arte para expressar aquilo que muitos procuram ocultar,

especialmente nas redes: as inquietações humanas, como nossos medos, angústias ou tristezas. O artista acredita ser a identificação com esses sentimentos, o fator responsável por seu sucesso. Afinal, é impossível não nos inquietarmos diante de suas gravuras e pinturas, as quais fazem um verdadeiro convite a viajarmos para um lugar que, muitas vezes, tememos: o nosso **eu** interior.

Numa conversa com a jornalista Mariana Mascarenhas e com o Prof. Dr. Jack Brandão, Correia contou um pouco de sua trajetória artística, como resolveu se dedicar à pintura de uma temática tão específica e profunda e o quão importante ela é para a nossa sociedade.

Por meio da imagem, o artista consegue retratar anseios humanos que, até então, seriam, costumeiramente, expressos apenas por palavras. Podemos perceber algo semelhante no passado, com a representação imagética de epigramas, como ressalta o Prof. Dr. Jack Brandão: “Entre os séculos XV e XVII, os homens de cultura ou os de arte buscavam uma linguagem universal e, acreditaram que teriam encontrado na imagem. Sabemos,



porém, que tal crença é uma inverdade, afinal, nenhuma imagem é universal”.

Segundo o professor, havia uma tradição, na Idade Média, de se decorarem excertos de obras literárias gregas e latinas. Para aquelas pessoas, tais textos, os chamados epigramas, possuíam valor daquilo que conhecemos hoje por **ciência**, os quais passaram a ser representados por meio de imagens. Surge assim, por volta do século XVI, um gênero próprio, o emblemático, que perdurará até o século XVIII. “É, justamente, isso que Correia faz ao transformar, magistralmente, um texto em imagem”. De acordo com Brandão, muitas obras de arte no chamado Mundo Ocidental possuem influências daquele período.

Confira a entrevista a seguir¹:

LV – Conte um pouco de sua trajetória e do primeiro contato com a arte até o momento em que decidiu cursar Artes (fale de sua formação também).

SC – Eu desenho desde criança. É um processo natural, afinal toda criança desenha. Mas eu fui levando aquilo a sério e criando intimidade com o desenho. Eu gostava de como me viam, eu tinha o *status* de artista da turma e fui me identificando com isso. E, ao contrário de muitos que começam a desenhar na infância e param depois, eu continuei. Assim, o desenho foi tomando tamanha proporção na minha vida que, aos dez anos, eu já tinha uma noção, invariavelmente, de que esse seria o caminho a seguir. Porém, não foi uma decisão fácil porque meus pais não me

apoiaram; pelo contrário, cheguei a ser expulso de casa quando decidi cursar Arte. Eu sou formado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

LV – Seus pais tentaram te obrigar a seguir alguma outra profissão?

SC – Não. Na verdade, eles são pessoas bacanas, o que acontece é que eles são simples e não tiveram muito contato com arte. Então, para eles, cursar essa área não fazia muito sentido. Eles não conseguiam entender que aquilo era um universo que não conheciam. Eles trabalhavam numa loja de roupas e atendiam, principalmente, advogados, políticos etc, que iam até lá para comprar terno. Então eu acredito que, para eles, seguir esse tipo de carreira é o que faria sentido. Por isso, quando eu decidi cursar Artes Plásticas, eu estava equivocado, do ponto de vista deles.

LV – Em que cidade você nasceu?

SC – Sou da Grande Florianópolis. Nasci numa cidade vizinha a capital chamada Palhoça. Vivi a minha vida inteira ali e também já morei em Florianópolis. Atualmente, moro em Santo Amaro da Imperatriz, que é outra cidade vizinha. Hoje eu tenho um estúdio, meu ateliê, em minha casa, onde passo grande parte do tempo trabalhando.

LV – A partir de que momento decidiu seguir a carreira artística?

SC – Aos dezesseis anos eu consegui o meu primeiro emprego, como desenhista, num

¹ As inserções do Prof. Jack Brandão foram inseridas em itálico ao longo da entrevista.



jornal chamado **Palavra Palhocense**. Foi a primeira vez que eu atuei, profissionalmente, e aquilo possuía algum sentido financeiro para mim. Mas eu já estava obstinado, sabia que era esta carreira que queria seguir. Não conseguia focar em outra coisa. Mas, como eu não tinha o apoio da família e nem patrocínio, o que é bem importante para essa carreira, eu tive que elaborar algumas estratégias.

Eu sabia que precisava ganhar dinheiro, mas que também precisava ter tempo para estudar e me dedicar a uma atividade que demanda muito tempo; aprender a pintar e a desenhar. Então, eu procurei sempre trabalhar em editoras como ilustrador, por exemplo; e, assim, tinha a oportunidade de desenhar por oito a nove horas por dia. Enquanto isso, eu costumava ler livros, ao mesmo tempo, por meio de *audiobooks*. Então, eu lia livros e praticava desenhos, simultaneamente. Eram estratégias de aprendizado. Fiz isso por alguns anos até romper o contrato com a editora onde trabalhava, há uns dois anos, para me dedicar, integralmente, ao meu projeto autoral que, até então, mantinha em paralelo.

Antes, eu chegava em casa e ainda tinha que trabalhar, atualizar minhas redes sociais, até que a minha série de trabalhos começou a tomar uma consistência inesperada.

LV – Como surgiu essa série de trabalhos?

SC – Ela começou com meu Trabalho de Conclusão de Curso, que eu apresentei em 2015. Antes disso, eu já tinha o costume, desde 2008, de publicar meus desenhos nas

redes sociais. Na época, eu estava buscando um projeto para me dedicar, com o intuito de escrever o TCC. Seria o meu primeiro ensaio teórico. E ocorreu a contingência de uma série de fatos. Eu tinha vindo a São Paulo para visitar a exposição de Lucian Freud no MASP e outra de Salvador Dalí no Centro Cultural Banco do Brasil. Eu voltei empolgado com essas duas exposições e estava procurando um projeto para focar. Então, num determinado dia, enquanto eu ia, de moto, da minha casa para a universidade, eu vi, na beira da marginal da BR, uma cena que mudou a minha vida e inspirou o meu desenho **Cante para mim** (fig. 1): a imagem de um homem cadeirante segurando uma gaiola com um pássaro dentro.

Em São Paulo, não existe muito essa tradição; mas, na minha região, é comum as pessoas passearem com pássaros pelas ruas, se encontrarem nas esquinas e, até mesmo, os colocarem próximos para disputar o canto. Meu pai, por exemplo, era passarinho.

Aquela cena me marcou de tal modo que comecei a viajar em pensamento, refletindo a contradição que ela trazia: tratava-se de uma alegoria cotidiana, um aforismo visual. Então, assim que cheguei à universidade, comecei a desenhá-la e tornou-se o elemento fundamental para todo o meu trabalho. A partir dali eu fui elaborando outros desenhos e acabei concluindo o meu primeiro ensaio teórico, o meu TCC, que já possuía influência de um artista local chamado Franklin Cascaes. As professoras gostaram muito do meu trabalho e me



sugeriram que o publicasse, algo que acabei não conseguindo fazer naquela ocasião.

No entanto, em 2016, eu montei uma exposição (também sugerida pelas minhas professoras), que foi um verdadeiro sucesso de público. E algo que eu havia reparado foi que, quando eu comecei a publicar outros desenhos de aforismos visuais, acrescidos de títulos, a potência mimética do trabalho passou a repercutir de uma forma muito maior na internet. Os internautas começaram a compartilhar e a se identificar de uma forma nunca antes vista em meu trabalho. Então eu percebi que havia uma potência a ser explorada, e passei a me debruçar sobre tudo aquilo que eu estava descobrindo e sigo fazendo esse trabalho até agora.

LV – Com relação ao uso da palavra, você diz, em seu site, que utiliza das imagens como um atalho para inserir a palavra no fundo de seu sentido e que esta seria uma forma de falar de sutilezas e profundezas de maneira simples. Como estabeleceu essa relação palavra-imagem?

SC – A palavra e a imagem possuem vias diferentes de acessar a subjetividade das pessoas. Nos meus trabalhos, acredito que elas fazem uma triangulação que consiste na subjetividade da pessoa, na palavra e na imagem. Para mim, esta toma atalhos não verbais, ela já chega comunicando direto. Como dizia o Francis Bacon, há gêneros de imagem que atingem, diretamente, o sistema nervoso e eu considero isso muito potente. Na internet, a imagem e a palavra funcionam especialmente bem. É possível

perceber isso nos conteúdos virais do Facebook, por exemplo.

LV – Houve pessoas que chegaram a criticar a intitulação dos trabalhos por rotular as imagens?

SC - Sim. Há algumas pessoas que não gostam da maneira como emprego a palavra e acham que estou descrevendo/explicando o trabalho. Todavia, eu não penso dessa forma, não pretendo fazer uma explicação, mas um direcionamento da análise da obra.

Para Brandão, essa grande repercussão gerada pelas obras de Correia, a partir do momento em que ele passou a intitulá-las, é reflexo do poder do lógos. “Existe um lugar comum que é a famosa frase dita por muitos: ‘Uma imagem vale mais do que mil palavras’. No entanto, as pessoas se esquecem do fato de que, a partir do momento em que eu insiro uma palavra junto à imagem, esta passa a ser verdade e, por mais mentirosa que seja, a imagem vira verdade”. E foi, justamente, esse poder logótico que o artista acabou descobrindo, na prática, por meio dos aforismos, como retrata o professor.

Ele ressalta a importância de não nos esquecermos de que a palavra também é imagem. “Um exemplo claro, objetivo e direto é a Bíblia, que traz imagens por meio de metáforas. Porém, trata-se de um outro nível de imagem, mas que não deixa de sê-la. Outra questão é que tanto o uso da palavra como o da imagem tem uma origem em comum: a mimesis, a imitação. Percebemos isso já no homem primitivo que tenta imitar a natureza”, ressalta Brandão, quem completa que imagem e palavra sempre caminham juntas e que uma acaba complementando a outra.

Assim, de acordo com o professor, o artista tem o poder de direcionar a interpretação do público para



sua obra, por meio da palavra, com o intuito de atingir seu objetivo. “A arte tem o poder de nos levar à reflexão, ao questionamento, e o indivíduo, enquanto artista, tem o poder de direcionar essa interpretação. No entanto, se há indivíduos que não gostam da imagem rotulada, é porque não entenderam a amplitude de seu poder”.

Um outro exemplo dado pelo professor Jack Brandão é o fato de as pessoas ainda acreditarem no retrato fotográfico como reprodução fiel delas mesmas. “Quando as pessoas exibem suas fotos e dizem ‘Esse aqui sou eu’, cometem um equívoco; afinal, trata-se de uma imagem construída por um fotógrafo. Tudo é construção, porém, nos esquecemos desse detalhe. E isso também vale para a palavra e a imagem”. Ele conclui dizendo que nós nunca nos enxergamos, o fazemos sempre pelos olhos dos outros ou pelo espelho e que este é sempre invertido.

LV – Como foi o amadurecimento dessa série de trabalhos e como você foi desenvolvendo os outros?

SC – Eu tive uma série de outras referências que foram sendo agregadas. Eu me envolvi com as áreas da Psicanálise e da Filosofia também. Ao longo do processo eu pude tirar várias conclusões. Por exemplo: as pessoas compartilham determinadas imagens, se identificam com elas, porém não querem explicitar essa identificação.

Quando eu comecei a fazer análise, devido a uns problemas que tive na empresa em

que trabalhava, o eixo do meu trabalho mudou e se tornou mais introspectivo. Assim, o personagem das minhas obras não era mais apenas eu; mas todos, afinal as pessoas se identificavam e se identificam com ele. Então, a partir da obra **Homem sufocado com sua própria delicadeza**, elas assumiram sua identificação com o personagem. Dessa forma, começou a surgir um personagem dentro de outro personagem. Conversava a respeito com um amigo, há um tempo, e ele me dizia o quanto isso é psicanalítico e interessante de se pensar.

LV – Você trabalha muito com a questão psicanalítica. Você possui influências de Jung também, já que ele resgatou a questão dos arquétipos, da imagem primordial, que também são explorados em seu trabalho?

SC – Eu nunca li nada do Jung. Gosto de Freud, de quem já li alguns livros, mas não me considero um entendido. Eu li muito mais obras de Nietzsche e de Dostoiévski. Meu sonho é escrever um livro em que eu consiga intercalar suas reflexões e produzir uma história.



Figura 1
Cante para mim, de Susano Correia

LV – Poderia falar um pouco sobre o lançamento do seu primeiro livro *Notas Visuais?*

SC – Eu estava escrevendo textos teóricos, ensaios, publicando no meu blog, nas redes sociais, pois eu possuía muito material, mas sempre pensando que poderia fazer algo além, com tudo aquilo. As pessoas me aconselhavam a produzir um livro, porém, eu não tinha dinheiro. Então, quando eu fui buscar meios de viabilizar sua publicação, descobri uma plataforma de financiamento coletivo chamada **Catarse**. Ela funciona da seguinte forma: os interessados montam o

seu projeto e o publicam nela para que as pessoas possam investir nele, numa espécie de pré-venda. No projeto é colocada a meta que deve ser alcançada; se esta não for batida, o dinheiro volta para a conta de cada um que investiu nele. Mas, para a minha alegria, após uma semana de publicação do meu projeto, eu recebi uma ligação de um dos sócios do **Catarse**, chamado Diego, dizendo que estava interessado em meu trabalho e que desejava marcar uma reunião para a concretização do projeto.

Esta plataforma tem tudo a ver com o meu trabalho, já que ele sempre repercutiu na



internet, um ambiente democrático que foi permitindo aos internautas conhecerem, cada vez mais, o meu trabalho. É o caso do **Catarse**, pois, se os internautas desejassem, o livro se concretizaria. E foi o que aconteceu e eu pude lançar o meu primeiro livro chamado **Notas Visuais**.

Após um ano, lançamos o segundo livro, **Face a Face com o Abismo**, com as mesmas características, mesmo projeto e conseguimos dobrar a meta do ano anterior. O Diego entrou em contato comigo me parabenizando e dizendo que eu havia feito algo muito interessante que foi dobrar a meta; pois, segundo ele, o primeiro projeto sempre é o mais bem-sucedido. Eu fiquei muito feliz, pois, por esse fato, pude ver como minhas obras estavam repercutindo. Situação semelhante ocorreu quando percebi um aumento considerável de curtidas nas minhas postagens e aquela era uma informação a ser estudada.

LV – Poderia falar um pouco mais sobre o livro *Face a face com o abismo* que possui o nome de uma de suas obras?

SC – Esse livro, juntamente com o **Notas Visuais**, forma um díptico chamado **Para Sempre Nunca mais**. Eles são a continuação do meu projeto, transformando uma curadoria do que eu tenho publicado nas redes sociais e no meu blog. A minha esposa fez o projeto gráfico desse livro e eu acredito que ele está bem interessante. Sobre alguns aspectos, está mais interessante que o primeiro. Eu estou pensando se lançarei o terceiro este ano, nessa sequência, ou se farei algo independente.

LV – O seu trabalho acaba provocando uma mudança comportamental?

SC – Sim. Eu lancei o meu livro em algumas capitais e me impressionei com relatos incríveis de pessoas que tiveram alguma experiência com o meu trabalho. Um dos exemplos é o de uma menina curitibana que estava internada, pois ela havia feito uma cirurgia em decorrência de um acidente que sofrera, estava com a cabeça aberta, e recebeu autorização do médico para ir, somente, ao lançamento. Ela chegou ao local, extremamente ansiosa, desejando comprar tudo que estava ali, pois era algo muito importante para ela. Eu fiquei, até mesmo, um pouco assustado.

Em Porto Alegre, uma outra menina sentou à minha frente chorando, enquanto contava as suas experiências. Ela dizia que vinha de determinado lugar, achando que a vida seria de um jeito e foi de outro, completamente diferente; e que, uma obra minha, que ela havia visto em sua *timeline*, fez toda a diferença na vida dela, assim como outras imagens que ela foi conhecendo posteriormente. Aquele relato me tocou muito. Por isso, eu acredito muito na internet como uma revolução gigantesca. Estamos observando isso na política; enfim, em tudo, seja para o bem ou para o mal.

No meu caso, por exemplo, eu uso a internet para fazer com que a arte chegue até as pessoas em seu espaço privado, assim elas costumam ficar mais à vontade para contemplá-la, pois está na tela do seu celular ou computador. Algo que é muito bom, pois há muitas pessoas que já não sentem mais vontade de ir a um museu por



constrangimento, achando que tal espaço não lhe pertence.

LV – Você atinge todos os públicos, dessa forma, incluindo aqueles que possuem certo preconceito em relação à arte. Você acredita que, pela forma como divulga seu trabalho nas redes, acaba aproximando as pessoas, indiretamente, sem elas perceberem?

SC – Sim, pois eu acredito no papel do artista enquanto educador. Eu tenho falado a respeito em algumas universidades, inclusive. Eu fiz licenciatura e acredito

muito nisso, pois que seria do artista sem o público? É na subjetividade que o artista deve chegar. O trabalho é significativo para que a subjetividade estabeleça suas relações. No entanto, dentro do próprio ambiente universitário, inclusive, eu percebo uma disputa entre a turma do bacharelado e da licenciatura, algo sem sentido; pois, o importante, em tudo isso, é o público. E, quanto menor o acesso e o investimento em cultura, maior será o empobrecimento das experiências humanas.



Figura 2
Homem parado em uma lembrança,
que costumava se mover, de Susano Correia



Figura 3
Homem sufocado com sua
própria delicadeza, de Susano Correia

Para o Prof. Dr. Jack Brandão trata-se de um desconhecimento da profundidade da questão. Um exemplo citado pelo professor é como a própria arte tende a ser desvalorizada, especialmente em momentos de crise, pelo fato dela ser considerada um gasto excessivo. “No entanto, não podemos nos esquecer de que é por meio da Arte que podemos nos conhecer, como o próprio Correia demonstra em seu trabalho. Afinal, ela tem o poder de fazer as pessoas se descobrirem, se redescobrirem, se inventarem e se reinventarem.”

LV – Alguma(s) de sua(s) obra(s) teve maior repercussão? Qual dela(s)? Conte a respeito

SC – Sim. Uma das obras que mais repercutiu foi **O homem sufocado com a sua própria delicadeza** (fig. 3). Ela fez a minha página ter mais de 100 mil curtidas.

LV – Em geral, como é a recepção do público a seus trabalhos? Houve alguns comentários que lhe chamaram mais a atenção em relação à interpretação de suas obras ou, até mesmo, uma



interpretação diferente da que você esperava?

SC – Sempre há diversas interpretações. Eu e a minha esposa nos divertimos muito. Recebemos muitas mensagens por *inbox* e

respondemos a todas. Algumas até nos emocionam. Às vezes recebemos textos longos, pois as pessoas relatam seus sentimentos e experiências.



Figura 4
Homem face a face com o abismo, de Susano Correia

LV – Em suas obras, percebemos algo em comum que é o formato de cone da cabeça da personagem. Por que esse formato?

SC – Não há uma explicação simples. Trata-se de uma construção. No início da minha série de trabalhos, eu fiz um desenho chamado **Ignorante proativo**. Era uma referência ao **chapéu de burro** que se usava, antigamente, nas escolas, e também

ao chapéu de bruxa que o Franklin Cascaes trabalhava em suas histórias de bruxas e contos, atuando com o imaginário da ilha de Florianópolis. Trata-se de um artista significativo que teve grande influência para mim... E então esse formato foi se consolidando e, eu mesmo, já não sei porque ficou; porém, acabou se tornando muito importante por ser um elemento visual que une todos os meus trabalhos.



Muitos me perguntam sobre o motivo desse formato, no entanto, é algo subjetivo.

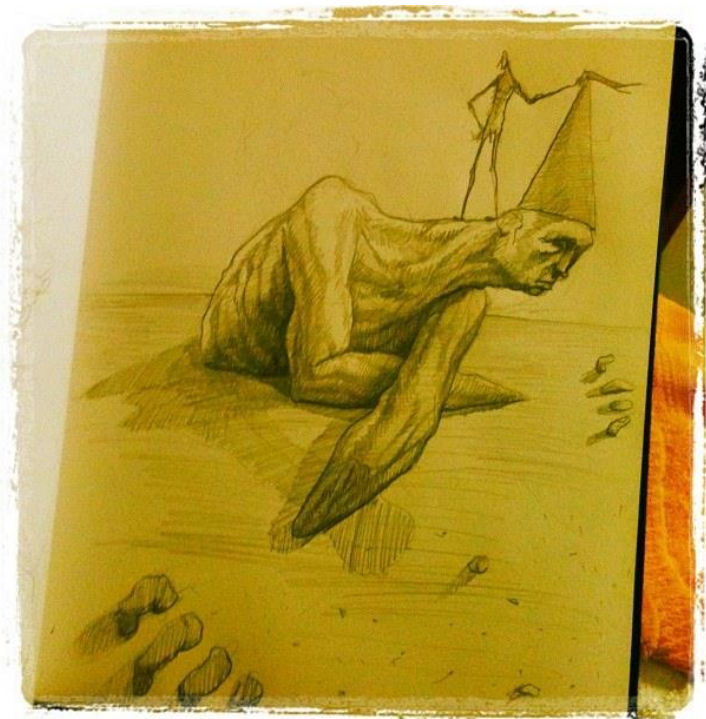


Figura 5
Ignorante proativo (grafite sobre papel),
de Susano Correia

LV – Poderia contar um pouco sobre o processo de criação de sua primeira exposição *Embruxados*? Desde essa época em diante, seus trabalhos foram se destacando em outras mostras?

SC - Eu tive apenas uma exposição individual, até hoje, que foi **Embruxados**. Ela ocorreu em 2016 e foi muito bacana. Na época, eu possuía 16 mil seguidores na internet e estava na expectativa para saber se, ao menos, uma parte desse público apareceria na mostra. Foi incrível, pois a mostra ficou lotada. A exposição nasceu do

meu TCC e do incentivo das minhas professoras da universidade para montar algo o quanto antes, pois meu trabalho estava muito bacana.

O *start* teórico veio de um documentário, a que assisti, do Franklin Cascaes, em que ele dizia que Florianópolis estava **embruxada**, se referindo à cidade como se ela estivesse tomada por algo maligno, amaldiçoada. Ele era um artista folclorista que trabalhava com relatos do povo, da cultura oral e transformava tudo em imagem. A cultura oral era o seu objeto de pesquisa. Em



Florianópolis, há muitas lendas que permaneceram na cultura, como a de bruxos, do Boi Tatá etc. No entanto, conforme a cidade foi crescendo, a sua cultura local foi sendo diluída. Por isso, ele dizia que ela estava embruxada.

E algo que eu acho bonito é que ele se referia à sua maior paixão por meio do simbólico que era o **bruxólico**. Então, eu adaptei o termo **embruxado** para o meu trabalho. Naquela época eu encontrei o homem cadeirante com a gaiola e identifiquei um **embruxamento**. Então eu fui caçando embruxamentos por meio de uma adaptação do termo **embruxado** às questões psicológicas do indivíduo. E assim surgiu **Embruxados**, que foi o nome do meu TCC – o qual eu ainda gostaria de publicar, porém, tenho que reeditá-lo – e que deu origem ao nome da mostra.

Além dessa exposição, participo de algumas coletivas e pretendo fazer outras mostras. Todavia, eu sou um artista da internet e o museu nem sempre é convidativo como o espaço virtual.

LV – O homem em conflito consigo mesmo e o vazio existencial são o cerne de seus trabalhos. Diante da avalanche informacional proporcionada pelos meios de comunicação, especialmente pelo espaço virtual, suas pinturas se

configuram um grito de muitos em meio a essa avalanche?

SC – A internet está fazendo uma revolução. Ela colocou a democracia num outro nível. Para o meu trabalho, ela fez toda a diferença. Eu tentei, quando eu era bem jovem, visitar algumas galerias, embora não existam muitas em Florianópolis. Mas era algo extremamente inatingível, fora da minha realidade. Naquela época, eu me senti um pouco intimidado e pensei que aquele espaço não era para mim. Então, comecei a publicar minhas obras na internet constantemente; e, num determinado momento, eles ganharam uma grande repercussão. Nesse caso, os internautas foram os meus curadores, algo que considero uma legitimação muito bonita e natural.

E, desde o momento em que entrei para a universidade, eu já sabia o que queria: tocar os corações das pessoas por meio da arte. Acredito que todos desejam isso quando começam a seguir a área artística. No entanto, vi muitas pessoas fazendo o oposto disso ao sair da universidade, pois tocar os corações já não era mais seu propósito. Mas eu continuei com ele e tive muita sorte também, porque corri atrás. Afinal, a nossa vontade é o que nos move. Quem deseja algo, encontra um meio de fazê-lo.

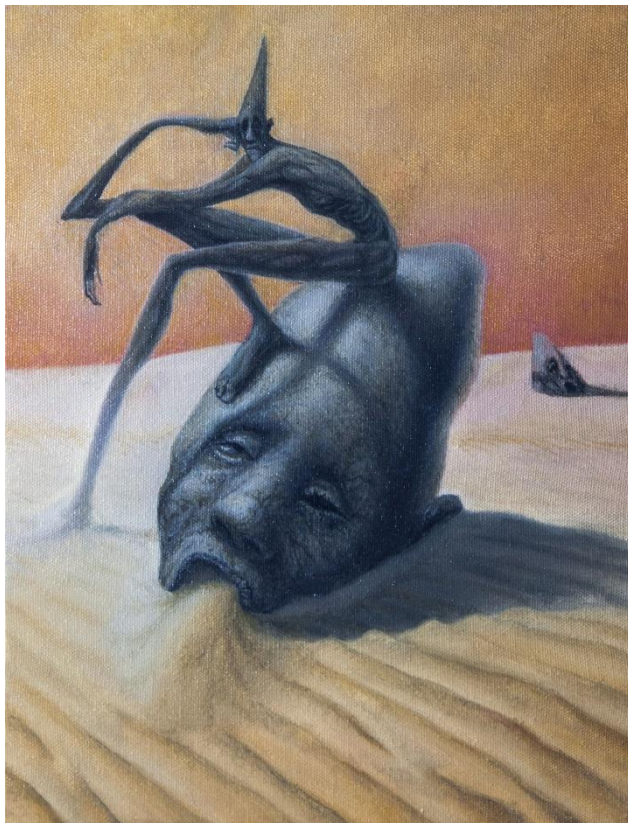


Figura 6
Homem cercado de seu próprio vazio,
de Susano Correia

LV – Quais são seus próximos projetos?

SC – Este ano eu quero lançar um livro, talvez dois. Também recebi uma proposta, que estou estudando, de lançar o **Face a Face com o Abismo** em francês, na Europa. Fiquei bem contente; pois, com a divulgação do meu trabalho na internet, ele repercute em outros países, porém, o processo burocrático acaba sendo um entrave para vendê-los fora daqui. Por isso, seria muito interessante que os estrangeiros pudessem conhecer meu trabalho por meio de alguma editora. Então vamos ver como será, pois não quero criar expectativa.

LV – Poderia deixar uma mensagem aos leitores?

SC – A arte para mim é o valor da minha vida. É o meu critério moral, o meu senso estético. Tudo passa por ela. Enquanto nós procuramos sentido em algo que não está na vida, por exemplo, a arte cria o sentido da própria vida e eu considero isso espetacular. Por isso, acredito que deveria haver mais investimentos artísticos e que ela poderia ser bem mais disseminada por meio da educação. E, principalmente para quem deseja seguir carreira artística, o mais importante é acreditar na arte. Pois eu já



cheguei a ouvir, dentro da academia, que é impossível viver apenas de arte. Mas não devemos acreditar nisso e sim usar esse tipo

de informação ao nosso favor, como uma reação a isso. A vontade deve sobrepujar tudo.

Mariana da Cruz Mascarenhasⁱ

ⁱ Mestra em Ciências Humanas, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior e em Comunicação Empresarial, graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Assessora de comunicação e membro do Centro de Estudos Imagéticos CONDES-FOTÓS Imago Lab da JackBran Consult.